

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.46186>

Artigo recebido em: 15/12/2022

Artigo aprovado em: 10/04/2023

Artigo publicado em: 26/06/2023

## A CIÊNCIA RIGOROSA EM HUSSERL

## THE RIGOROUS SCIENCE IN HUSSERL

## LA SCIENCE RIGOUREUSE CHEZ HUSSERL

Guilherme Felipe Carvalho<sup>1</sup>

([guilhermefelipe589@gmail.com](mailto:guilhermefelipe589@gmail.com))

101

**Resumo:** O presente artigo almeja demonstrar o projeto de Husserl, de construção de uma ciência rigorosa. Primeiramente, demonstrar-se-á como o conceito pode ser utilizado como um recurso à tentativa psicologista de fundamentação da teoria do conhecimento. Para tal, é imprescindível a distinção entre leis ideais e leis fáticas, isto é, entre o plano real e ideal. Por fim, almeja-se demonstrar que embora o termo “rigor” apareça ao público principalmente em seu artigo *Philosophie als strenge Wissenschaft* (1911), é possível notar que esta pretensão acompanha, de um modo geral, a sua obra. Mesmo dentre as três grandes fases de seu pensamento i) Halle (1887-1900); ii) Göttingen (1901-1916) e iii) Freiburg (1916-1938), pode-se perceber que o conceito de “rigor” em Husserl, diz respeito ao projeto de construção de uma doutrina *a priori* que escape à qualquer tipo de relativismo e que constitua as bases para a legitimidade do conhecimento, aplicando-se, inclusive, às demais ciências.

**Palavras-chave:** Husserl. Ciência rigorosa. Fenomenologia.

**Abstract:** This paper aims to demonstrate Husserl's project of building a rigorous science. First, it will be shown how the concept can be used as a resource to the psychologist attempt to ground the theory of knowledge. To this end, it is essential to distinguish between ideal laws and phatic laws, that is, between the real and the ideal plan. Finally, we aim to demonstrate that although the term "rigor" appears to the public mainly in his article *Philosophie als strenge Wissenschaft* (1911), it is possible to note that this claim accompanies, in general, his work. Even among the three great phases of his thought, i) Halle (1887-1900); ii) Göttingen (1901-1916) and iii) Freiburg (1916-1938), one can see that the concept of "rigour" in Husserl's thought concerns the project of constructing an *a priori* doctrine that escapes any kind of relativism and that constitutes the basis for the legitimacy of knowledge, also applying to other sciences.

**Keywords:** Husserl. Rigorous science. Phenomenology.

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Filosofia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0187471180770089>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8797-5614>.



**Résumé :** Le présent article visé à démontrer le projet de Husserl de construire une science rigoureuse. Tout d'abord, il sera démontré comment le concept peut être utilisé comme ressource pour la tentative du psychologue de justifier la théorie de la connaissance. Pour cela, il est essentiel de distinguer entre les lois idéales et les lois de fait, c'est-à-dire entre le plan réel et idéal. Enfin, il s'agit de démontrer que si le terme "rigueur" apparaît au public principalement dans son article *Philosophie als strenge Wissenschaft* (1911), il est possible de constater que cette prétention accompagne, en général, son œuvre. Même parmi les trois grandes phases de sa pensée i) Halle (1887-1900) ; ii) Göttingen (1901-1916) et iii) Freiburg (1916-1938), on voit que le concept de "rigueur" chez Husserl concerne le projet de construction d'une doctrine a priori qui échappe à tout relativisme et qui constitue le fondement de la légitimité des savoirs, même s'appliquant à d'autres sciences.

**Mots-clés :** Husserl. Science rigoureuse. Phénoménologie.

## INTRODUÇÃO

102

Ao referir-se ao projeto de Edmund Husserl de construção de uma ciência rigorosa, vem à tona a sua obra de 1911, intitulada *Philosophie als strenge Wissenschaft* (doravante *PsW*). Neste escrito, Husserl promove uma breve análise histórica do modo como, na história da filosofia, os pensadores buscaram tornar a filosofia efetivamente uma ciência rigorosa. Santos (2010) demonstra que não é outro senão a busca da fundamentação rigorosa de todo o saber, o intento da fenomenologia. Entretanto, para Husserl, tal busca nunca foi concretizada, e diante disso, surge a fenomenologia, a ciência dos fenômenos puros, que segundo o autor, é a que reúne as condições de constituir-se enquanto uma ciência rigorosa, pois fugindo de uma interpretação psicologista e historicista, encontra o seu fundamento na própria reflexão: no *ego cogito*. Tal fundamento *a priori*, que é revelado por meio da redução fenomenológica, é o primeiro requisito para a construção de uma doutrina que escapa a todo tipo de relativismo. Vargas (2019) demonstra que a fenomenologia não pode simplesmente tomar como certo e generalizar os resultados das ciências, mas deve buscar o seu sentido fundante. Diante disso, surge a questão: o conceito de rigor em Husserl, trata-se de algo pertencente unicamente ao seu escrito de 1911? Isto posto, o presente artigo, concentrar-se-á na tarefa de demonstrar que a pretensão husserliana, de uma ciência rigorosa, é uma marca constante de sua obra, não limitando-se, ao seu escrito de 1911.

## 1 FENOMENOLOGIA



Edmund Husserl é um pensador cuja obra pode ser dividida em fases, especificamente, em três grandes períodos: i) Halle (1887-1900); ii) Göttingen (1901-1916) e iii) Freiburg (1916-1938). As respectivas fases não indicam somente uma mudança de ambiente geográfico/acadêmico, mas acima de tudo, uma mudança de perspectiva<sup>2</sup>. O filósofo alemão é um pensador revisionista no sentido epistemológico. O seu descontentamento para com a própria obra é sua marca constante, fato é ele próprio referir-se incontáveis vezes na qualidade de um eterno iniciante na reflexão filosófica<sup>3</sup>.

Deste modo, na tradição filosófica, o nome de Husserl tornou-se sinônimo do vocábulo “fenomenologia”, mesmo o termo não sendo de autoria de Husserl. Em suas linhas históricas, Ferraguto<sup>4</sup> (2019) assinala que o referido termo apresenta três principais acepções: i) primeira do teólogo de Halle Friedrich Christoph Öttinger, que diz respeito à formação de uma filosofia de validade absoluta; ii) a segunda, pelo pensador Johann Heinrich Lambert, que através de sua *Neues organon* (1764) tem a ver com a purificação desta validade de toda interferência subjetiva, tanto no que diz respeito a imperfeição das percepções sensíveis, quanto no que diz respeito a todo condicionamento prático e emotivo exercido na formação do conhecimento pela vontade individual; iii) a terceira se encontra no pensamento kantiano e diz respeito ao fato de que a construção de um saber justificado e rigoroso ter que evidenciar uma explícita distinção entre os princípios próprios do conhecimento e o campo das coisas intelectivas, sendo que essa exigência implica uma clara diferenciação entre aparência (*Schein*) e fenômeno (*Erscheinung*, *Phänomenon*), evidenciada em sua primeira crítica. Assim, para Kant, a fenomenologia não teria apenas a tarefa de mostrar como o fenômeno se transforma em aparência, mas a de estabelecer as condições de possibilidade para mostrar como o fenômeno torna-se experienciável em todo o campo da filosofia.

Diante disso, mesmo o conceito não sendo uma criação de Husserl, e sendo presente na obra de outros autores, como por exemplo Hegel, em sua *Phänomenologie des Geistes*, (1807), o fato é que a Husserl é conferido o título de “pai da fenomenologia”. A fenomenologia em Husserl, além de ser um vocábulo, é acima de tudo, um método. É em 1900, em suas *Logische*

<sup>2</sup> Acerca das mudanças ocorridas no pensamento de Husserl, cf. Costa, 2009.

<sup>3</sup> Em 1936, apenas dois anos antes de seu falecimento, Husserl afirma em *Die Krisis der Europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie* (Hua VI, 137): “nós somos aqui, absolutos iniciantes [...]”. Entretanto, esta afirmação não se restringe a *Krisis*, mas abrange-se ao *corpus* de toda a sua obra. A afirmação de Fulda (1976, p. 147) mostra que Husserl: “na velhice, pelo menos para si mesmo, chegou à plena certeza de que poderia considerar-se um verdadeiro principiante.” Isso representa apenas um mero exemplo de todo o autodescontentamento e autorrevisionismo que acompanha toda a obra husserliana.

<sup>4</sup> Para uma maior elucidação sobre a fenomenologia pré-husserliana, cf. Ferraguto 2012.



*Untersuchungen*<sup>5</sup> (doravante *LU*), especificamente no primeiro tomo, *Prolegomena zur reinen Logik* (Hua XVIII) onde o termo fenomenologia primeiramente apresenta-se no vocabulário husserliano. Embora a fenomenologia seja entendida inicialmente enquanto uma psicologia descritiva<sup>6</sup>, na segunda edição (1913)<sup>7</sup> de suas *Logische Untersuchungen*, Husserl (Hua XVIII, 215) reedita esta passagem e afirma que realiza “[...] uma nítida diferenciação entre a psicologia empírica<sup>8</sup> e a fenomenologia que a sustenta (como a crítica do conhecimento de uma maneira completamente diferente); esta última entendida como uma pura doutrina-da-essência das vivências”.<sup>9</sup>

Assim, a primeira versão da fenomenologia de Husserl (1900) em *Prolegomena*, é compreendida enquanto psicologia descritiva<sup>10</sup> devido à influência de seu mestre Franz Brentano, sendo alterada nos anos posteriores, onde Husserl passa a compreendê-la enquanto

<sup>5</sup> As *Logische Untersuchungen*, publicadas em 1900/01 e reeditadas nos anos de 1913 e 1921, ocupam os volumes XVIII e XIX da coleção *Husserliana*. A obra é dividida em dois volumes: o primeiro contendo um livro (*Prolegomena zur reinen Logik*) e o segundo sendo dividido em dois livros (*Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis* e *Elemente einer Phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis*). Há ainda volume XX da coleção, que também leva o nome das *Logische Untersuchungen*, contendo o texto das investigações, bem como as suas reedições e os manuscritos utilizados por Husserl em sua construção.

<sup>6</sup> Na edição A (1901) das *LU II*, Husserl (Hua XIX/I, 24) afirma que: “A fenomenologia é a psicologia descritiva. Assim, a crítica do conhecimento é essencialmente psicologia, ou pelo menos só pode ser construída sobre os fundamentos da psicologia.” Na edição B (1913), Husserl (Hua XIX/I, 23) afirma que: “fenomenologia não é psicologia descritiva”. Para uma análise mais detalhada sobre a relação entre Husserl e a psicologia, cf. GOTO, 2015.

<sup>7</sup> Quando à reedição de 1913 das *LU I/III*, Husserl manteve quase que inalterado o texto de *Prolegomena*. Neste momento, o autor já compreende a sua filosofia enquanto idealismo transcendental, (tanto que no mesmo ano, publica as suas *Ideen I*, Hua III/I) e a reedição tem em vista uma readequação das *Logische Untersuchungen* à sua nova concepção de fenomenologia, pois na medida em que Husserl passa a discordar do que escreveu em 1900/01, também considera alguns elementos ainda como indispensáveis na compreensão de sua doutrina, como o conceito de *Wahrheit an sich*, isto é, de “verdade-em-si”. Por isso é que segundo Tourinho (2014, p. 577), “Husserl nos diz, no “Prefácio à Segunda Edição” de *Prolegômenos*, que o conceito de “verdade em si” pertenceria ao plano de unidade da obra e que, por isso, não poderia ser removido do texto em sua segunda edição.” Assim, não se limitando às *LU*, a obra de Husserl é de um modo geral, marcada firmemente pela sua revisão terminológica, no sentido de o autor abandonar conceitos que eram empregados e passar a utilizar outros.

<sup>8</sup> “[N]ão é verdade que Husserl rejeite a psicologia de fatos (psicologia empírica); o que ele rejeita é todo projeto de psicologia empírica que viole as leis obtidas pela psicologia eidética [...]; é com referência à concepção empírica e à concepção kantiana que devemos situar o projeto fenomenológico de Husserl. É preciso destacar, entretanto, que Husserl não realiza um simples ‘meio termo’ entre essas correntes de pensamento, e sim pretende realizar algo que teria assombrado tanto os empiristas clássicos quanto Kant. Por um lado, ele pretende erigir a fenomenologia a partir dos dados obtidos pela percepção interna, mas, por outro, ele busca alcançar, como Kant, conhecimentos *a priori* sobre a subjetividade, ou seja, conhecimentos universais e necessários.” (PERES, 2017, pp. 120-121).

<sup>9</sup> No original: “daß ich scharf unterscheide zwischen der empirischen Psychologie und der sie (wie in ganz anderer Weise die Erkenntniskritik) fundierenden Phänomenologie; letztere verstanden als eine reine Wesenslehre der Erlebnisse”. Nota: todas as traduções da *Husserliana* presentes neste artigo são de responsabilidade do autor.

<sup>10</sup> Para um maior detalhamento sobre a problemática da psicologia descritiva em Husserl, cf. Curvello, 2018.



psicologia eidética<sup>11</sup>, demarcando, com isso, o caráter apriorístico de sua doutrina. Mais adiante, em sua “virada transcendental” (1906/07), a fenomenologia é a ciência da consciência pura, como é o caso de *Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie* (Hua XXIV, doravante *ELE*), especificamente no capítulo sexto e também em *Die Idee der Phänomenologie*, as chamadas “cinco lições”, onde Husserl à moda de Kant, promove uma crítica da razão, porém com significativas diferenças entre ambos (cf. KERN, 1964).

## 2 O DESAFIO DE UMA CIÊNCIA RIGOROSA

Para Husserl, em *PsW*, a pretensão de a filosofia tornar-se uma ciência rigorosa diz respeito a uma tendência que a acompanha desde as suas origens. Tal projeto, em determinados períodos mostrou-se ora mais acentuado, ora menos acentuado. Mas o que se pode evidenciar é que, diante deste esforço contínuo, unicamente o que pôde ser obtido no campo epistemológico foi exclusivamente uma autonomia por parte das ciências naturais. Assim, a filosofia, a mais elevada e rigorosa de todas em sua essência, não pôde ainda constituir-se enquanto uma genuína ciência, pois “toda verdadeira teoria do conhecimento deve, necessariamente, ser baseada na fenomenologia, que constitui o fundamento comum de toda a filosofia”<sup>12</sup> (HUA XXV, 39).

Assim, o conceito de rigor no pensamento husserliano diz respeito à profundidade e apoditicidade que o fundamento de uma ciência deve, necessariamente, possuir. Uma ciência rigorosa, neste sentido, diz respeito à investigação ausente de qualquer lacuna no que se refere à sua fundamentação. Portanto, a filosofia enquanto ciência rigorosa se refere à sua constituição estrutural: a ciência pura, fundante e necessária, sem a qual nenhuma outra é possível. Tourinho (2013) demonstra que a filosofia, para Husserl, é a ciência que deve partir de fundamentos últimos, isto é, de uma responsabilidade última indissociável de um espírito de radicalismo,

<sup>11</sup> Neste contexto, Porta (2013, pp. 53-54) demonstra as diferentes concepções de Husserl em relação à psicologia: “a. 1894-1898: o psicologismo inicial da psicologia descritiva pré-fenomenológica, expresso na *Filosofia da aritmética* e que provocou a conhecida reação de Frege; b. 1900: a crítica ao psicologismo concentrada na lógica nas *Investigações lógicas*; c. 1901-1902: a mudança do centro de interesse do psicologismo lógico para o epistemológico; d. 1903: o abandono da determinação da fenomenologia como psicologia descritiva e a substituição por sua determinação como psicologia eidética; e. 1906-1907: a virada transcendental e a descoberta da redução fenomenológica. Começo da crítica do psicologismo transcendental; f. 1927: a compreensão e a superação final e definitiva do psicologismo transcendental; g. 1936: o abandono da ideia do psicologismo transcendental na versão final e definitiva.”

<sup>12</sup> No original: “jede wirkliche Erkenntnistheorie notwendig auf Phänomenologie beruhen muß, die so das gemeinsame Fundament jeder Philosophie”.



cujo ímpeto não perde de vista as evidências últimas, encontrando em si mesmas a sua justificação absoluta. Nas palavras do próprio Husserl:

A filosofia é, todavia, essencialmente a ciência dos verdadeiros princípios, das origens, dos *ρίζώματα πάντων* (raízes de todas as coisas). A ciência do radical deve também ser radical em seu processo e em todos os aspectos. Acima de tudo, ela não deve descansar antes de ter chegado aos seus inícios, isto é, aos seus problemas absolutamente claros, aos métodos delineados no sentido mesmo desses problemas e ao campo da elaboração das coisas de apresentação absolutamente clara<sup>13</sup> (HUSSERL, Hua XXV, 61).

Faz-se oportuno ressaltar que o projeto de construção de uma ciência rigorosa por parte de Husserl, pode ser encontrado primeiramente em *Prolegomena*. Mesmo esta não sendo a sua primeira obra e não referindo-se explicitamente ao conceito de rigor, é nela onde o pensador lança as bases para a edificação de uma doutrina que escape a qualquer tipo de relativismo e que não caia, deste modo, em uma explicação psicologista<sup>14</sup>. Com isso, antes mesmo de a fenomenologia tornar-se o fundamento de toda a reflexão, neste contexto, ela apresenta um papel secundário: uma disciplina auxiliar à lógica pura, na elucidação das estruturas subjetivas que conferem legitimidade epistemológica ao conhecimento apreendido. Com isso, Husserl tem a pretensão de demonstrar o caráter *a priori* da lógica, e rejeitando rigorosamente a noção psicologista, de que as leis que norteiam o pensamento são as mesmas leis que norteiam a natureza.

[C]ontra o psicologismo, Husserl afirma-nos que as leis lógicas não são inferidas por indução, e contra o anti-psicologismo, afirma-nos que tal conhecimento começa com a experiência, ainda que não derive dela. Em outros termos, as leis lógicas não são inferências da experiência psicológica, embora só por meio dela se possam conhecer (TOURINHO, 2013, p. 81).

Neste âmbito, no combate ao psicologismo, é de fundamental importância que seja estabelecida uma diferenciação entre as ciências focadas nos fatos e as que se concentram em suas essências. Esta concepção acompanha Husserl no desenvolvimento de sua fenomenologia.

<sup>13</sup> No original: “Philosophie ist aber ihrem Wesen nach Wissenschaft von den wahren Anfängen, von den Ursprüngen, von den *ρίζώματα πάντων*. Die Wissenschaft vom Radikalen muß auch in ihrem Verfahren radikal sein und das in jeder Hinsicht. Vor allem darf sie nicht ruhen, bis sie ihre absolut klaren Anfänge, d. i. ihre absolut klaren Probleme, die im eigenen Sinn dieser Probleme vorgezeichneten Methoden und das unterste Arbeitsfeld absolut klar gegebener Sachen gewonnen hat.

<sup>14</sup> Porta (2013) define o psicologismo enquanto: a) lógico, que é relacionado à busca pela fundamentação da lógica; b) geral, que diz respeito à universalidade do termo; e c) transcendental, que concerne a um idealismo psicologista (Berkeley e Hume, por exemplo).



Se a ênfase na distinção entre real e ideal é uma de suas marcas em *Prolegomena*, tal percepção é amadurecida e levada por ele adiante até a sua chamada fase idealista, cuja concretização é expressa em *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie* (doravante, *Ideen I*). Com isso, percebe-se que para o pensador, as ciências fáticas possuem o seu ato fundacional originado na experiência, ao passo que as eidéticas<sup>15</sup> não têm o seu fundamento originado da experiência sensível, e sim no pensamento puro, pois, segundo Husserl (Hua III/I, 21), o “cientista natural [...] constata a existência de acordo com a experiência, experimentar é para ele um ato fundante, jamais substituível por um simples imaginar.”<sup>16</sup> A fenomenologia neste caso, não restringe-se apenas a mais uma ciência eidética, mas escapando de toda demonstração psicologista, estabelece-se enquanto a ciência eidética por excelência, pois para Husserl, “não há teoria do conhecimento sem fenomenologia. Mas a fenomenologia também retém o significado independentemente da teoria do conhecimento”<sup>17</sup> (Hua XXIV, 217).

Diante disso, faz-se mister ressaltar que a crítica que Husserl estabelece ao psicologismo, perpassa, anteriormente, no conceito de naturalismo. De acordo com Drummond (2007), o conceito diz respeito ao entendimento que considera tudo estritamente enquanto um ente natural, isto é, como um ser espaço-temporal envolto em um mundo causalmente mecanicista, puramente físico. Na visão de Husserl, trata-se da tendência de reduzir o psíquico ao físico, naturalizando, com isso, a consciência. O naturalismo equivoca-se, assim, em apreender o psíquico de maneira adequada e colapsa todas as leis ideais, visto que o ato de reflexão é essencialmente distinto do conteúdo por ele visado (cf. Hua XVIII, § 22).

<sup>15</sup> No que diz respeito à diferenciação entre os termos “essência” e “eidético”, termos estes que surgem conforme o desenvolvimento da fenomenologia, De Santis (2021) demonstra que em Husserl, o conceito “*Wesen*” mantém originalmente uma relação necessária para com o objeto individual. Portanto, não se deve reportar à essência, mas sempre à essência de algo, no sentido genitivo. Portanto, não há uma essência que não remeta à essência de um objeto individual. Adiante, Husserl achará necessário empregar uma noção nova (em *Ideen I*) para se referir à essência independentemente dessa relação original (*ursprünglich*) com o objeto individual: tal termo é *eidōs* (εἶδος). Em *Ideen I*, na introdução, Husserl (Hua III, 8) afirma que: “as expressões ‘ideia’ e ‘ideal’ talvez não estejam dentre as piores, mas no geral são bastante ruins, como fizeram-me de modo suficiente perceber os frequentes mal-entendidos a respeito de minhas Investigações lógicas. A necessidade de manter o eminente conceito kantiano, de ‘ideia’, puramente separado do conceito geral de essência (formal ou material), também me conduziu à alteração na terminologia. Portanto, uso o termo não corrompido *eidōs* como uma palavra estrangeira, e ‘*Wesen*’, palavra alemã munida de ambiguidades, mas frequentemente desagradáveis.”

<sup>16</sup> No original: “der Naturforscher [...] beobachtet und experimentiert, d.i. er stellt erfahrungsmäßiges Dasein fest, das Erfahren ist für ihn begründender Akt, der nie durch ein bloßes Einbilden ersetzbar wäre.

<sup>17</sup> No original: “Keine Erkenntnistheorie ohne Phänomenologie. Aber Phänomenologie behält auch Sinn unabhängig von der Erkenntnistheorie.”



Tourinho (2017) demonstra que a doutrina naturalista consiste em pensar o mundo unicamente como uma realidade de fatos naturais. Neste caso, por mais êxito que o pensamento obtenha, fica confinado a inferir, a partir da observação dos fatos generalizações vagas da experiência (*cf.* Hua XVIII, § 21) que, como tais, não perdem o seu aspecto contingente, não se livrando, por conseguinte, da dúvida e não conseguindo se mostrar evidentemente como tal. Assim, nessa perspectiva, tudo passa a ser compreendido como um objeto físico, ou seja, natural, vindo a consciência a ser definida enquanto algo vago, como um receptáculo de informações, sendo o conhecimento apenas o efeito oriundo da ação causal estabelecida pelos objetos físicos exteriores.

Desta maneira, para Husserl (Hua XVIII), há uma urgência na busca por um esclarecimento acerca da diferenciação entre os fenômenos físicos e psíquicos, posto que para o filósofo, a separação entre o real e o ideal, constitui um dos primeiros passos para a superação do psicologismo lógico. Neste sentido, Cerbone (2019) demonstra que os argumentos antinaturalistas de Husserl, dizem respeito à autonomia e primazia do método fenomenológico diante das ciências naturais, bem como a limitação destas quanto às questões de princípios no sentido transcendental. No mesmo raciocínio, Tourinho (2013) argumenta que enquanto consequência do naturalismo, surgiria uma crise da filosofia, dos fundamentos filosóficos, e, assim, tal crise poderia pôr um fim à filosofia na qualidade de uma ciência primeira, como ciência rigorosa. Husserl, em contraposição ao naturalismo, demonstra qual é a pretensão de sua doutrina:

Portanto, a fenomenologia, aqui, a fenomenologia do conhecimento na qualidade de doutrina da essência dos fenômenos puros do conhecimento [...]. Mas como a fenomenologia deve começar; como ela é possível? Devo julgar e, contudo, julgar de modo objetivamente válido, conhecer cientificamente fenômenos puros.<sup>18</sup> (HUSSERL, Hua II, 47)

Isto posto, Husserl confere à filosofia e, especialmente à sua fenomenologia, a condição de a única ciência que pode, efetivamente, tornar-se rigorosa, afinal ela emprega a si mesma os seus próprios fundamentos de um modo puro e indubitável, possibilitando com isso, o desenvolvimento das demais ciências. O psicologismo define-se, nesta esteira, enquanto um engano teórico, pois persiste na não separação entre o campo físico e psíquico, real e ideal. E o

---

<sup>18</sup> No original: “Also auf Phänomenologie, hier auf Phänomenologie der Erkenntnis als Wesenslehre der reinen Erkenntnisphänomene, ist es wohl abgesehen [...]. Aber wie soll Phänomenologie angehen; wie ist sie möglich? Urteilen soll ich und doch wohl objektiv gültig urteilen, reine Phänomene wissenschaftlich erkennen.”



naturalismo enquanto a sua causa eficiente, aparece enquanto um equívoco que deve ser combatido mediante à reflexão fenomenológica, que se concentra na estrutura pura e imanente da consciência intencional, e que diferencia, de modo claro, o real do ideal, o fato da essência.

Na fundamentação da fenomenologia de Husserl, um aspecto fundamental refere-se ao papel que a evidência (*Evidenz*) apodítica do princípio primeiro tem de desempenhar na estruturação da ciência fenomenológica, e que não se refere exclusivamente à percepção do objeto intencionado, mas sim, ao *ego* puro. Neste sentido, é que Husserl desenvolve uma crítica radical, assim como Descartes<sup>19</sup> (cf. MacDonald, 2000), que tem como ponto de partida a evidência do *cogito*, que, por sua vez, irá fornecer o ponto de partida de sua reflexão. No entanto, isso perpassa primeiramente pela implementação de um índice de questionabilidade (*Index der Fraglichkeit*), que se refere à redução fenomenológica<sup>20</sup>. Pois como lembra Husserl, na redução, “não há doação transcendente alguma, mas somente o puro fenômeno da doação”<sup>21</sup> (Hua XXIV, 215). Neste sentido, Husserl pondera acerca da evidência cartesiana do *cogito ergo sum*. Segundo ele, a evidência da *cogitatio*, enquanto correlato intencional do *cogito*, não deve ser compreendida enquanto uma experiência em seu sentido psicológico, natural/real, pois “a *cogitatio* cartesiana necessita da redução fenomenológica”<sup>22</sup> (Hua II, 7)<sup>23</sup>. Com isso, o foco da reflexão não é a evidência da percepção interior, da experiência interior. A evidência deve

109

<sup>19</sup> De acordo com Siemek (2011, p. 191), “Descartes, através de seu “Cogito”, pode ser tido como o início de um

caminhar [entretanto], olhando-o de perto, é um “Cogito” pobre filosoficamente e de pouco conteúdo filosófico. Desse modo, não é de se estranhar por que as Meditações Cartesianas de Husserl são pouco cartesianas. Nesse texto os caminhos de ambos se separam tão rapidamente e para tão longe que a própria afirmação de Husserl sobre sua identidade com Descartes se apresenta aqui bastante duvidosa.”

<sup>20</sup> Sacrini (2018, p. 75) demonstra que “Husserl já utiliza a expressão ‘redução fenomenológica’ em seu curso de *Teoria geral do conhecimento (1902-1903)*. Porém, ali, a redução é somente um procedimento de exclusão das propriedades factuais dos eventos de maneira a se poder analisá-los em suas puras características eidéticas [...]. Essa expressão passa a ser usada com o sentido de indicar o método de acesso à fenomenologia purificada de pressupostos não clarificados em 1905, nos famosos manuscritos de Seefeld, publicados no volume X da coleção Husserliana [...]. [ELE] é o primeiro curso em que Husserl desenvolve de forma sistemática o método da redução fenomenológica.” No mesmo âmbito, Porta (2013) demonstra três vias relativas às reduções: a) via cartesiana, que aparece em “A ideia da fenomenologia” (1907), e se desenvolve em “Ideias I” (1913) e “Meditações Cartesianas” (1931); b) via psicológica, exposta, primeiramente em “Filosofia primeira (1923/24)”, “Lógica formal e transcendental (1929)”, “Meditações Cartesianas” (1931) e “Crise” (1936); e c) via ontológica, que aparece inicialmente em “A ideia da fenomenologia” e se desenvolve em “Ideias I” (1913), “Lógica formal e transcendental” (1929).

<sup>21</sup> No original: “gibt es keine transzendente Gegebenheit, sondern nur das reine Phänomen der Gegebenheit”.

<sup>22</sup> No original: “die Cartesianische cogitatio bedarf der phänomenologischen Reduktion.”

<sup>23</sup> Sobre a crítica de Husserl ao conceito de evidência em Descartes, Sacrini (2018, p. 77), observa que: “Descartes não teria de fato liberado a pura evidência do âmbito psicológico da alma e, assim, estaria preso a uma concepção ingênua da subjetividade cognoscente, confundida com a interioridade psíquica. É justamente essa confusão que a redução fenomenológica por meio da circunscrição da *imanência autêntica*, vem desfazer”.



denotar uma certeza absoluta, um dado indubitável, que já não inclui qualquer questionabilidade epistemológica: a evidência daquilo que é demonstrado diretamente na mais estrita redução fenomenológica e sobre este fundamento puramente imanente cognoscível.

Como a finalidade é pôr todo o conhecimento transcendente em suspensão para poder alcançar um ponto de partida apodítico, a redução fenomenológica ou mesmo *εποχή*, não pode ter o seu pressuposto inicial tomado de alguma doutrina, mas precisa, de modo autônomo, estabelecer o seu próprio embasamento, mantendo, com isso, a sua característica genuína. E tal fundamento, segundo Husserl, encontra-se no próprio *ego*<sup>24</sup>, revelado através de sua condição *a priori* de doação (*Gebung*), que, segundo a definição de Depraz (2019, p. 117), refere-se à maneira pela qual “um objeto ou uma vivência advém à minha consciência, que então lhe dá sentido. Enquanto ‘constituição’, sublinha a atividade de apropriação do objeto pelo sujeito, doação conjuga passividade e atividade: o objeto me é dado nele mesmo”. Desta maneira, esta capacidade imanente ao *ego* acaba deparando-se consigo mesmo na medida em que intui a sua própria evidência, e esta determina uma condição indubitável acerca do próprio *ego*, onde a suprema autorreflexão se encontra fundamentada em sua própria estrutura imanente.

110

Com isso, a fundamentação de uma ciência rigorosa somente pode ocorrer na medida em que os seus juízos são tomados única e exclusivamente a partir da evidência primeira. Pois a ciência ausente desta seguridade epistemológica não detém as condições de seguir em frente. Assim, o exercício da suspensão do juízo não nega a factualidade, a existência do mundo exterior ao sujeito, mas significa a sua colocação entre parênteses. Adiciona-se aquilo que Husserl chama de índice de nulidade (*Index der Nullität*), onde, por meio da intuição, o sujeito busca as idealidades, as essências puras. Sobre isso, Loparić (1980, p. 11) afirma que: a “fenomenologia coloca a ‘tese natural’ entre parênteses para indagar, primeiro, como a consciência funciona e como se estrutura [...], a redução visa buscar o significado ideal e não empírico dos elementos [...]”. Assim, como consequência da redução fenomenológica, chega-

---

<sup>24</sup> Sobre o termo, destaca-se a passagem de Depraz (2019, p. 13): “o *ego* transcendental se mostra mais profundo que o *ego cogito*, na medida em que nele o próprio *ego* está submetido à epoché: o sujeito fundador seguro de si mesmo desaba sob sua autocrítica. Antes funcional que substancial, o *ego* transcendental é esse eu mais profundo que o *ego* cartesiano, cujo sentido se atém inteiramente à autointerrogação crítica que o atravessa”. Além do mais, no mesmo sentido, faz-se oportuno destacar a passagem de Siemek (2001, p. 192): “Husserl caminha pelo caminho já traçado por Kant e Fichte, os quais conseguiram solucionar aquele “nonsense” do “problema cartesiano” e do modo como ele queria que este fosse feito: descobrir na própria imanência do *Ego*, enquanto sujeito transcendental, os atos necessários (*a priori*), as formas e as estruturas que constituem fundamental e primordialmente a unidade do significado, precedendo e construindo, na forma da correlativa exterioridade e transcendência, a própria relação do sujeito cognoscente e dos seus objetos”.



se à redução transcendental<sup>25</sup>, até às vivências encontradas em suas idealidades puras, tratando-se de um “ver puro” (*reinen Schauen*). E assim, por meio da redução transcendental compreende-se a relação de correspondência, de ajustamento/adequação (*Triftigkeit*)<sup>26</sup> que é obtida mediante a intencionalidade da consciência, possibilitando ao sujeito a compreensão pura dos fenômenos.

### 3 A TAREFA FENOMENOLÓGICA

No que tange à fundamentação de um saber rigoroso na fenomenologia, um de seus objetivos tem a ver com o esclarecimento da essência do próprio conhecimento, bem como com a definição de seu âmbito de validade. Como Husserl (Hua XVIII, 29) afirma: “todo o conhecimento genuíno, e especialmente todo o conhecimento científico, encontra-se na evidência, e o conceito do saber estende-se até onde alcança a evidência”<sup>27</sup>. Isso significa que o conhecimento não é um mero sentimento de apreensão de um objeto (*cf.* Hua III, §17). Como visto, a evidência primeira é a condição *sine qua non* que torna possível o desenvolvimento da reflexão fenomenológica. Se em *ELE*, Husserl aposta na redução fenomenológica que revela uma instância absoluta e apriorística, a partir de *Ideen I* e consolidado em *CM*, o *ego* despido pela redução, passa a ser compreendido enquanto *ego* transcendental, que é tido por Husserl como a evidência intuitiva primeira, dada através de si mesma, no sentido de: “a volta para o *ego cogito* enquanto terreno último e apoditicamente certo de juízos, no qual toda e qualquer filosofia radical deve ser fundamentada”<sup>28</sup> (Hua I, 7).

Por conseguinte, no que tange à fundamentação, segundo Zilles (2012), Husserl elenca algumas condições fundamentais para que a filosofia possa alcançar o seu rigor, como: a ausência de pressupostos, o caráter apriorístico, e por fim, a evidência apodítica. Pois como Husserl já demonstra em *Prolegomena* e leva esta concepção adiante até sua fase idealista: um fato empírico não reúne as condições necessárias de fundamentação, pois fatos produzem

<sup>25</sup> De modo distinto de outros elementos, na obra de Husserl, a *εποχή* é fixada de um modo permanente, enquanto um requisito primordial na fundamentação da fenomenologia. Por mais que adiante o conceito receba um significado diferente, acompanhado de outros elementos como por exemplo, a redução eidética, trata-se de um conceito originário nos anos de 1906/07 que o acompanha até o fim de sua vida. *Cf. Krisis*, §§41-44.

<sup>26</sup> Sobre esse conceito, faz-se mister destacar a definição de Depraz (2019, p. 117): “[u]m dos graus da verdade, situado entre a simples presunção e a apoditicidade. É adequado um objeto ou uma vivência cuja intuição é completa; de fato, a adequação permanece um ideal, na medida em que o percebido nunca se dá *tota simul*.”

<sup>27</sup> No original: “jede echte und speziell jede wissenschaftliche Erkenntnis auf Evidenz, und so weit die Evidenz reicht, so weit reicht auch der Begriff des Wissens.”

<sup>28</sup> No original: “die Wendung zum ego cogito als dem apodiktisch gewissen und letzten Urteilsboden, auf den jede radikale Philosophie zu gründen ist.”



apenas fatos, e estes estando condicionados ao devir, não perdem o seu caráter de probabilidade. E uma ciência rigorosa, neste caso, não pode operar através da probabilidade.

Para tal, é que Husserl estabelece uma fundamental distinção entre os fenômenos puro e psicológico, na medida em que este último é caracterizado por uma vivência que pode ser demonstrada empiricamente, por intermédio das leis das ciências naturais. Por sua vez, o fenômeno puro, apresenta-se na percepção (*Wahrnehmung*) do sujeito cognoscente, no momento em que a reflexão se concentra em si mesma, e, intuitivamente, encontra-se com o seu próprio fundamento. Para Husserl, o ponto de partida metodológico pelo qual a apercepção fenomenológica deve ser garantida é o da psicologia, isto é, a apercepção empírico-natural. Entretanto, isso não significa que a psicologia possa fundamentar a teoria do conhecimento, pois se assim fosse, denotaria uma contradição, um enorme regresso ao psicologismo, como apontado por Husserl em *Prolegomena*. Santos (2010, p. 297) demonstra que a “fenomenologia começa onde termina a psicologia”. Neste sentido, o que interessa a Husserl é única e exclusivamente o método de descrição das vivências. Com isso, pode-se evidenciar que a apercepção pura e a empírica estão próximas e relacionam-se, mas são fundamentalmente distintas: o conteúdo do ato visado é distinto do ato. O conteúdo, neste caso, diz respeito ao plano ideal, ao passo que o ato em si, é algo viabilizado pela estrutura psíquica do indivíduo que apreende. Neste caso, como exemplo de um conteúdo ideal, tem-se as leis lógicas, e caso estas fossem provenientes de factuais psicológicas, então elas teriam de exprimir um conteúdo psicológico, isto é, teriam de ser constituídas na qualidade de leis para o psíquico e também pressupor a existência do psíquico. Para Husserl, nenhuma lei lógica demanda uma questão de fato. Nenhuma lei lógica é uma lei para factuais da vida psíquica, nem mesmo para as representações. Leis empíricas, ao contrário, necessariamente, pressupõem um conteúdo fático (*cf.* Hua XVIII. §23).

Diante do exposto, pode-se perceber que na diferenciação entre conteúdo e ato, mediante a redução fenomenológica, é possível estabelecer uma correspondência entre cada vivência (*Erlebnis*) e seu fenômeno puro, ou seja, com a sua essência enquanto uma doação absoluta. Tal distinção é essencial no propósito husserliano de fundação de uma ciência rigorosa dos fenômenos puros, sendo necessário, com isso, analisar a essência do conhecimento, de modo a conhecer o fenômeno em sua plena constituição eidética. A pretensão de alcance da essência do conhecimento a partir da *εποχή* e em função da autoidentidade do fenômeno visado, demonstra algo: que as vivências que concernem ao conhecimento possuem uma *intentio*; estão estruturalmente condicionadas ao visar (*Meinung*) de algo. Tal é a intencionalidade enunciada por Husserl. A consciência visa a algo que se apresenta



a si, e mediante o exercício da redução, este algo, este fenômeno pode ser conhecido em sua pureza. Para Husserl (Hua II, 43), “no intuir do fenômeno puro, o objeto não está fora da cognição, fora da ‘consciência’ e ao mesmo tempo, está dado no sentido da absoluta doação-própria de um puramente intuído.”<sup>29</sup> Com isso, o método fenomenológico visa as fontes primárias do conhecimento, as suas origens que são alcançadas intuitivamente e as doações absolutas que visam um sentido. Pode-se, com isso, descobrir a universalidade enquanto uma doação absoluta.

Através da doação, da capacidade *a priori* de o sujeito ser afetado pelo objeto e, utilizando como exemplo uma cor, é através da apercepção que o indivíduo a percebe, e, com isso, pondo em prática o exercício da redução, ele obtém, por meio da intuição e da abstração, o *eidos* (εἶδος) da cor, isto é, a sua ideia, a sua essência. “Percebendo a cor e praticando a redução ao mesmo tempo, ganho o fenômeno puro da cor. E se agora realizo a pura abstração, ganho a essência da cor fenomenológica em geral.”<sup>30</sup> (Hua II, 67).

Neste contexto de distinção entre fenômeno e essência, é que Husserl, especialmente em *Die Idee der Phänomenologie*, realiza uma separação entre a atitude natural, que impera nas ciências, com a atitude filosófica. Sendo a primeira caracterizada por sua ação acrítica, pela aceitação dos fatos *hic et nunc*, simplesmente como são, e não efetuando uma interrogação sobre a possibilidade do ajustamento do pretense conhecimento. O sujeito neste caso, por meio de sua sensibilidade, experimenta e, de modo indutivo, generaliza fatos, consolidando, com isso, toda uma relação lógico-causal (*cf. LUI*, § 26). Mesmo com a finalidade de resolver estas contradições, para Husserl, o conhecimento natural não consegue pôr plenamente a questão fundamental acerca da possibilidade do conhecimento em geral e, portanto, sobre a possibilidade do estabelecimento de um conhecimento seguro. Assim, na atitude naturalista das ciências, o conhecimento é produzido, entretanto, sendo ausente de quaisquer interrogações acerca dos princípios que possibilitam com que o conhecimento seja legítimo.

No plano contrário, a atitude filosófica ou mesmo transcendental, não somente interroga-se acerca do modo como é estabelecido o conhecimento, mas de sobremaneira, pergunta-se como ele é possível. A fenomenologia, neste caso, pertence a esta dimensão. Visto que, segundo Husserl (Hua II, 32), o “conhecimento natural, no seu constante processo bem-

<sup>29</sup> No original: “[i]m Schauen des reinen Phänomens ist der Gegenstand nicht außer der Erkenntnis, außer dem “Bewußtsein” und zugleich gegeben im Sinne der absoluten Selbstgegebenheit eines rein Geschauten.”

<sup>30</sup> No original: “Farbe wahrnehmend und dabei Reduktion ühend, gewinne ich das reine Phänomen Farbe. Und vollziehe ich nun reine Abstraktion, so gewinne ich das Wesen phänomenologische Farbe überhaupt.”



sucedido nas diversas ciências, está muito seguro de seu ajustamento e não tem razão alguma para incomodar-se com a possibilidade do conhecimento e com o sentido da objetividade conhecida.”<sup>31</sup> Como consequência, provém da atitude naturalista uma série de contradições que acabam por colidir com os fatos, e neste caso, apenas uma filosofia na qualidade de uma ciência rigorosa é capaz de elucidar. Com isso, revela-se categórico o projeto de elaboração de uma ciência que se desdobre como descrição dos atos da consciência intencional e que, portanto, não ocorra em uma compreensão naturalista da própria consciência. “Esse é necessariamente o seu caráter; ela quer sim, ser ciência e método para esclarecer possibilidades do conhecimento, possibilidades de valoração, para esclarecê-las a partir de seu fundamento essencial.”<sup>32</sup> (Hua II, 51).

Com isso, a construção de uma ciência essencialmente rigorosa encontra-se na fenomenologia. Porém, a reorientação que Husserl propõe não torna a filosofia uma servidora direta das ciências na elucidação de seus respectivos problemas. Segundo Sacrini (2009), compete à investigação filosófica a elucidação por meio da reflexão sobre as fontes subjetivas e as questões últimas sobre o sentido. Isto posto, com a proposta husserliana de refundação da filosofia, as demais ciências não devem tornar-se mais ou menos precisas. Todavia, ao menos tornam-se de um lado a outro cognoscíveis no que diz respeito a seu sentido e legitimidade epistemológica. O que faz a filosofia, por sua vez, é uma reflexão no nível transcendental (a partir de 1906/07) referente à possibilidade do conhecimento objetivo, e neste sentido, contribui de modo indireto às ciências.

114

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se evidenciar que o ponto central da fenomenologia de Husserl consiste no projeto de refundação da filosofia em uma ciência rigorosa, cuja investigação desdobra-se acerca das possibilidades do conhecimento seguro e objetivo, e com isso, na contribuição indireta às demais ciências. Para tal, faz-se necessária a redução fenomenológica, pondo em suspensão todo o conhecimento transcendente: tudo aquilo que não é manifesto na

---

<sup>31</sup> No original: “Natürliche Erkenntnis in ihrem stetigen erfolgreichen Fortgang in den verschiedenen Wissenschaften ist ihrer Triftigkeit ganz sicher und hat keinen Anlaß, an der Möglichkeit der Erkenntnis und an dem Sinn der erkannten Gegenständlichkeit Anstoß zu finden.”

<sup>32</sup> No original: “Das ist notwendig ihr Charakter; sie will ja Wissenschaft und Methode sein, um Möglichkeiten, Möglichkeiten der Erkenntnis, Möglichkeiten der Wertung aufzuklären, aufzuklären aus ihrem Wesens grunde.”



pura imanência da consciência intencional. O motivo pelo qual Husserl reitera a necessidade de reparo no âmbito das ciências concerne à ingenuidade em que são construídas. Ingenuidade esta, que diz respeito ao fato de as ciências se desenvolvem através do não-questionamento acerca das possibilidades objetivas do conhecimento. Em contraposição, no âmbito filosófico aparece a fenomenologia, cuja característica é a atitude essencialmente crítica em face dos objetos.

A refundação proposta por Husserl não é no sentido de a filosofia servir enquanto um complemento às possíveis falhas epistêmicas das ciências. Mesmo semelhante ao projeto cartesiano de refundação do saber através de um saber indubitável, por meio do qual todas as demais ciências seriam decorrentes, o projeto husserliano não se restringe a esse quesito, mas essencialmente, interroga-se acerca da legitimidade do conhecimento. Portanto, pode-se perceber que Husserl com sua fenomenologia, a distingue radicalmente das ciências de atitude natural, apresentando-a enquanto a ciência rigorosa por excelência, no sentido de que a sua investigação se desenvolve na elucidação pura dos fenômenos que advêm à consciência, e com isso, problematiza o conhecimento instaurado em seu grau objetivo. Deste modo, também se evidencia que o projeto de uma ciência rigorosa se apresenta como um imperativo na obra husserliana, não estando condicionado, portanto, a *PsW*. O rigor em Husserl diz respeito, de sobremaneira, à construção de uma doutrina apriorística que escape a toda forma de relativismo. É na fenomenologia, portanto, que a filosofia encontra a possibilidade de precisamente converter-se numa ciência rigorosa.



## REFERÊNCIAS

- CERBONE, David R. *Fenomenologia*/ David R. Cerbone; tradução de Caesar Souza. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- COSTA, Vincenzo. *Husserl*/ Vincenzo Costa. Roma: Carocci, 2009.
- CURVELLO, Flávio Vieira. *Fenomenologia como Psicologia Descritiva*, 2018. 338 f. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/39179036/Fenomenologia\\_como\\_Psicologia\\_Descritiva](https://www.academia.edu/39179036/Fenomenologia_como_Psicologia_Descritiva)> (Acesso em 08/12/2022).
- DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*/ Natalie Depraz; tradução de Fábio Creder. 3. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- DE SANTIS, Daniele. *Husserl and the a priori: phenomenology and rationality*. Vol. 114. Springer Nature, 2021.
- DRUMMOND, John J. *Historical Dictionary of Husserl's Philosophy* (Historical Dictionaries of Religions, Philosophies, and Movements). New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2008.
- FERRAGUTO, Federico. Il concetto di fenomenologia dalla tradizione prekantiana all'idealismo tedesco. In: CIMINO, Antonio; COSTA, Vincenzo (eds). *Storia della Fenomenologia*. Carocci Editore, Roma, 2012.
- FERRAGUTO, Federico. Falsos amigos. O conceito fichteano de fenomenologia e o seu contexto, *Revista de Estud(i)os sobre Fichte*, 18 | 2019.
- FULDA, Hans Friedrich. Husserls Wege zum Anfang einer transzendentalen Phänomenologie. In: Guzzoni, Ute (Hrsg.): *Der Idealismus und seine Gegenwart*. Festschrift für Werner Marx zum 65. Geburtstag. Meiner, Hamburg, pp. 147-165, 1976.
- GOTO, Tommy Akira. *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*/ Tommy Akira Goto- São Paulo: Paulus, 2015.
- HUSSERL, Edmund. (Husserliana II) *Die Idee der Phänomenologie: Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- HUSSERL, Edmund. (Husserliana XVIII) *Logische Untersuchungen*. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik, ed. Holenstein Elmar, in Husserliana, Band XVIII, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1975.
- HUSSERL, Edmund. (Husserliana VI) *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Transzendental Phänomenologie*. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie. Nijhoff, Den Haag, 1976.
- HUSSERL, Edmund. (Husserliana III) *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch, in Husserliana, Band III, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1976.
- HUSSERL, Edmund. (Husserliana XIX/I) *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band - I. Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis, Nijhoff, Den Haag, 1984.
- HUSSERL, Edmund. (Husserliana XIX/II) *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band - II. Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis, Nijhoff, Den Haag, 1984.
- HUSSERL, Edmund. (Husserliana XXIV) *Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie*. Vorlesungen 1906/07. Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff, 1984.
- KERN, Iso. *Kant und Husserl*. Eine Untersuchung über Husserls Verhältnis zu Kant und zum Neukantianismus. The Hague. Martinus Nijhoff. Netherlands, 1964.
- LOPARIĆ, Željko. In: HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidación fenomenológica do conhecimento*/ Edmund Husserl; seleção e tradução de Željko Loparić e Andréa Maria Altino de Campos Loparić.-São Paulo: Abril Cultural, 1980.



MACDONALD, Paul S.- *Descartes and Husserl: the philosophical project of radical beginnings* / Paul S. MacDonald. Published by State University of New York Press, Albany, 2000.

PERES, Sávio Passafaro. Psicologismo e psicologia em Edmund Husserl. *Aoristo- International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, n°1, v. 2, p. 64-84, 2017.

GONZÁLEZ-PORTA, Mario Ariel. *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia* / Mario Ariel González Porta. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SACRINI, Marcus. *A cientificidade na fenomenologia de Husserl*/ Marcus Sacrini. -- São Paulo: Edições Loyola, 2018.

SACRINI, Marcus. O projeto fenomenológico de fundação das ciências. *Scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 577-93, 2009.

SANTOS, José H. *Do empirismo à fenomenologia: a crítica do psicologismo nas Investigações Lógicas de Husserl*. São Paulo: Loyola, 2010.

SIEMEK, Marek J. Husserl e a herança da filosofia transcendental. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 28, n. 91, 2001.

TOURINHO, Carlos Diógenes C. O problema dos fundamentos na fenomenologia de Husserl: o surgimento de um novo idealismo transcendental no séc. XX. *Síntese - Rev. de Filosofia*, Belo Horizonte, V. 40 N. 126, 2013.

TOURINHO, Carlos Diógenes C. A “concessão dolorosa” de Husserl na segunda edição de *Prolegômenos*: a ideia de verdade em si. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 26, n. 39, p. 563-580, jul./dez. 2014.

TOURINHO, Carlos Diógenes C. As duas faces da crítica de Husserl ao naturalismo: dos problemas de fundamentação teórica aos perigos para a cultura. *Aoristo*, International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics. Toledo, n°1, v. 2, 2017.

VARGAS, Carlos. *Para uma filosofia husserliana da ciência*/ Carlos Vargas. -- São Paulo: Edições Loyola, 2019.

ZILLES, Urbano. *In: HUSSERL, Edmund. A crise da humanidade europeia e a filosofia*/ Edmund Husserl; introd. e trad. de Urbano Zilles.-4.ed.-Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

